

Um curso bem sucedido de 9º ano + 1

Empregados de jardim de infância

Para dar a conhecer aos leitores, de uma forma mais viva, o que são os Cursos de Educação e Formação Profissional (vulgarmente chamados de 9º ano + 1), a equipa deste número resolveu visitar uma das escolas envolvidas num destes projectos, a Escola Básica 2,3 Guilherme Stephens (Marinha Grande), onde no ano lectivo de 1997/98 teve início o curso de Empregados de Jardim de Infância.

Através de sócios da APM da zona fizemos alguns contactos e foi assim que ficámos a conhecer Cesário Silva, professor na Escola Secundária Eng. Acácio Calazans Duarte e também animador da UNIVA (Unidades de Inserção na Vida Activa). Violante Carneira, coordenadora do projecto e ainda, a professora de Matemática, Maria Laura Honório. Estes colegas prontificaram-se de imediato a colaborar, falando da sua experiência e mostrando-se abertos à troca de ideias.

Também cooperantes e bem dispostos foram os alunos com quem conversámos, o Carlos Miguel e a Mónica Paulino, dois alunos do curso referido, que foram ter connosco à escola depois de um dia de trabalho.

Foi gratificante ver como os professores se sentiam recompensados pelo trabalho que desenvolveram com os alunos, por sentirem que tinham conseguido dar uma esperança nova ao futuro destes jovens. Mas mais entusiasmante ainda foi o diálogo com a Mónica e o Carlos. Eles transmitiam uma alegria imensa por ter frequentado o curso, falando-nos sobre isso com "um brilhinho nos olhos". Neles transparecia facilmente a sensação da descoberta de uma vocação, um renovar de projectos de vida de que falam entusiasticamente, uma grande vontade (e isso foi o que mais nos surpreendeu) de continuar a melhorar a sua formação, de aprenderem e investirem numa profissão que estão a "adorar".

Educação e Matemática (EM) - Como surgiu a ideia de fazer este curso?

Cesário Silva (CS) - É assim... a Marinha Grande é uma zona extremamente industrializada e temos aqui ainda um centro de formação de gestão participada, que é o CENFIM, a oferecer cursos maioritariamente para homens, as mulheres não têm grande oferta formativa. E aquilo que se constatava, especificamente na escola, é que chegavam muitas vezes miúdas com esta questão, que até tinham o 9º ano de escolaridade já completo, e que gostavam de fazer alguma coisa em termos de formação profissional e a oferta formativa não as satisfazia. O que elas gostariam de fazer é o que nós hoje em dia chamamos os serviços de aproximação à família, portanto, prestação de serviços, quer na área da primeira infância, quer depois na área da terceira idade. Surgiu aí a hipótese de se tentar conjugar as duas situações, porque o curso era novo e a escola tinha uma total autonomia. Na altura nós julgávamos que assim era, uma total autonomia, porque deixavam-nos liberdade de escolha, quer de curso, quer de currículos, quer de distribuição de horas, quer de conteúdos... diziam-nos só, a formação geral tem de ter três disciplinas, Português, Matemática e Inglês. A sócio-cultural

tem de ter domínios que abordem conteúdos relacionados com higiene e segurança, legislação e ambiente. Mas não tinha necessariamente de ter um domínio chamado higiene, outro chamado legislação, ou outro eventualmente de educação ambiental. Os conteúdos tinham de estar nos domínios com os nomes que nós lhes quiséssemos dar, ou os conjuntos de outros conteúdos que nós lhes quiséssemos adicionar, estavam à nossa consideração. Pensámos que seria bom que avançássemos com alguma garantia de sucesso. Em primeiro lugar, que conseguíssemos canalizar jovens... porque era a grande preocupação: será que estes cursos têm a população interessada? Por outro lado, responder com uma oferta formativa diversificada, mais virada para mulheres. Nunca dissemos que o curso era feminino. O curso foi divulgado como masculino e feminino e teve um rapaz, que o frequentou e obteve aproveitamento. Violante Carneira (VC) - E também porque a Marinha tem muitos jardins de infância, porque a maioria das mulheres nesta terra são empregadas, que trabalham ou na indústria ou



no comércio. E, também nos parecia que era importante haver, no jardim de infância, para além da educadora alguém com preparação específica para a profissão.

EM - Que contactos estabeleceram?

VC - Era importante haver parcerias. Fui à Câmara Municipal, porque a Câmara Municipal tem os jardins de infância aqui da terra, onde há o ensino pré-escolar. Fui aos jardins de infância particulares, ao Centro de Emprego, porque era bom e era desejável que a escola e o Centro de Emprego estivessem em consonância. Fizemos também uma parceria com o Centro de Saúde.

EM - O Centro de Saúde porquê?

VC - Como isto era voltado para crianças, uma maneira de eles contactarem com crianças era também através das consultas do Centro de Saúde. Fomos à rádio local, aos jornais locais, que se tomaram nossos

parceiros, também, publicitaram o curso. O Cesário conhecia muitos jovens, porque há muitos jovens que quando têm dificuldades de formação vão ter com ele. Ele encaminhava-nos alguns alunos. Nas diversas escolas daqui da Marinha também pusemos lá num placarzinho a dizer que íamos ter o curso, que tipo de curso ia ser, e a pedir para as pessoas se inscreverem. E pronto! O curso destinava-se a alunos com o 9º ano e sem formação profissional, ou com frequência do 9º ano sem aproveitamento. Surgiu-nos uma turma, todos com o 9º ano completo. Foi a primeira turma que nós tivemos. Alguns tinham o 11º e havia uma que frequentava o 12º. Depois pensámos no currículo, como é que havia de ser a estrutura curricular. Quando andei a dar a volta pelos infantários, falei com as directoras, que são praticamente todas educadoras de infância. À medida que fui falando com elas fui perguntando quais eram as características que elas achavam que um empregado de um jardim de infância deveria ter. Recolhi umas informações daqui, outras dali, outras dacolá... surgiu a estrutura curricular da parte técnica. Porque isto tem três vertentes, como o Cesário disse, já falou em duas, na geral e na sócio-cultural e depois a técnica, que é a mais importante.

EM - Isso foi um trabalho diferente daquilo que é costume ...

VC - Foi um trabalho de férias que não tive, as férias do Verão não tive. Rasguei muitos papéis, desesperei muito... cheguei a uma altura em que disse "vou entregar tudo ao Cesário e ele que faça!" Mas, penso sempre que se os outros são capazes eu também sou. Posso ter mais trabalho, mas também hei-de lá chegar.

EM - Quais são as disciplinas do curso?

VC - As disciplinas são realmente diferentes de todos os outros cursos. Uma é Puericultura, e para isso precisávamos da enfermeira e do Centro de Saúde. Depois Psicopedagogia, para o que precisávamos de uma psicóloga. Desenvolvimento das Relações Pessoais e Sociais, que era uma educadora de infância, porque o curso era para trabalhar com crianças. Expressão Plástica, que sou eu que dou. Expressão Dramática é uma

colega de História, que está ligada ao teatro. Educação Musical, um professor nosso de Educação Musical.

Animação e Jogos, um professor de Educação Física.

EM - E como é que o Português, o Inglês e a Matemática se integraram nesse plano?

VC - O Português, o Inglês e Matemática, iriam ser só uma hora semanal o que a nossa professora de Matemática achou que era muito pouco. Assim, na parte técnica criámos o Cálculo Aplicado, que não era mais que uma extensão da Matemática, já que esta não podia ter mais horas.

EM - E também é a colega de Matemática que dá?



Maria Laura (ML) - Sim, sim. E foi um proforma. Foi uma maneira de se dar mais Matemática. Com uma hora não se dá nada. Demos a volta criando

uma disciplina com um nome diferente que é a mesma.

EM - Como foi formado o Conselho de Turma?

VC - Na altura tínhamos escolhido as disciplinas, mas não tínhamos ainda falado bem com os formadores. Escolhemos formadores que tivessem uma experiência com jovens positiva. Que não fossem só professores... portanto, pessoas que tivessem um bom relacionamento, habituados a resolver problemas com a juventude... Escolhemos os professores todos aqui do quadro.

EM - Portanto, os professores foram todos convidados?

VC - Sim, todos convidados. Pedimos uma enfermeira ao Centro de Saúde, que foi colocada aqui através do CAE. Pedimos uma psicóloga, que a nossa escola também não tinha e uma educadora de infância. Todas juntas, depois de vermos o que realmente precisávamos, cada uma criou os seus conteúdos. Apresentámos os conteúdos ao Conselho Directivo que falou no Pedagógico e mandámos para aprovação, para o Ministério. Aí demorou muito. Já pensávamos até

que não tínhamos aprovação. Já ia bem dentro de Outubro quando veio a resposta.

EM - Como é que os professores coordenavam o trabalho?

VC - Nós tínhamos reuniões semanais. Tivemos sempre as reuniões à quarta-feira, podiam ser duas horas, podiam ser muito mais horas... tivemos sempre assunto, e nessas reuniões nós resolvemos tudo em conjunto.

EM - Qual a ligação dos alunos à vida prática?

VC - Não era obrigatório a existência de aulas práticas em contexto real de trabalho, mas nós decidimos que deviam existir. E também podia ser durante ou no fim do curso, e nós decidimos que era durante o curso. Pensámos que se eles fossem ter o contexto real durante o tempo que estavam aqui connosco, sempre que aparecesse alguma dificuldade, podiam trazer essa dificuldade para os professores. Que nunca resolveram as dificuldades dos alunos, mas que deram sempre pistas e eles foram tentando resolver.

EM - E quantas horas é que eles faziam?

VC - 5 horas semanais, das 120 horas que constituem a prática real em contexto de trabalho

EM - Em jardins de infância, Centro de Saúde...?

VC - Em jardins de infância. O Centro de Saúde era diferente. Nós pedimos colaboração ao Centro de Saúde para eles irem assistir às consultas da medição e pesagem dos bebés. E depois o Centro de Saúde achou que a vacinação também era bom. Na medição e pesagem eles colaboravam, na vacinação só viam...

EM - Como é que estes alunos se integraram na escola, sendo alunos mais velhos, porque esta escola é Básica 2,3, não é?

VC - Sim. Nós temos alunos aqui até ao 9º ano. Na altura tínhamos cá uma aluna com 25 anos, mas eles integraram-se completamente. No nosso plano de actividades eles entraram em todas as festas, na festa de Natal, nas festas de Carnaval. Na semana cultural, que é uma grande festa que nós temos aqui no fim do ano. Eles integraram-se em tudo. Aprendiam

Estrutura do curso

• Formação Geral 99 horas	Português Inglês Matemática
• Formação sócio cultural 99 horas	Legislação do Trabalho e Segurança Social Higiene e Segurança no Trabalho Cidadania e Ambiente
• Formação Técnica 820 horas	Cálculo Aplicado Psicopedagogia Desenvolvimento das Relações Humanas Puericultura Expressão Plástica Expressão Dramática Educação Musical Animação e Jogos
• Formação em Contexto Real de Trabalho 120 horas (5 h. semanais)	Prática real no Jardim de Infância

jogos nas aulas de Desenvolvimento de Relações Pessoais, e vinham cá para fora e faziam com os mais novos. De maneira que eles eram aqui uns ídolos dos miúdos mais novos, estavam completamente integrados.

EM - Correu sempre tudo bem?

VC - Não. Nós durante o ano... tivemos sempre muitas dificuldades. Eles eram alunos com percursos um bocado complicados, abandono escolar, insucesso, portanto não foi fácil. Não foi chegar aqui e tudo correu bem. Mas eles quando começaram a fazer a prática, o que nos provou que foi ótimo termos a prática real ao longo do ano, começaram a entusiasmar-se mais. Quando começaram a trabalhar com crianças o entusiasmo duplicou. Passou a ser completamente diferente. Porque todos eles dizem que vieram para cá porque gostavam de crianças. Também porque não tinham perspectivas de emprego nem formação profissional, mas aiamaram a isso tudo o gostarem de crianças, e realmente. Nós nas reuniões sabíamos que não estávamos a preparar ninguém para a Universidade, embora este curso dê a hipótese a quem não concluiu o 9º ano com aproveitamento, de prosseguir estudos. Os alunos às vezes tinham muitas dificuldades e nós nas reuniões víamos quem estava com mais dificuldades. Não queríamos pôr ninguém de lado. E não pusemos. Quando algum estava com dificuldades a mais na Matemática a Laura agarrava mais naquele... quando era no Português, no Inglês...

EM - E então como é que a Matemática encaixou neste projecto? Para já

deram a volta ao assunto com a história da 1 hora...

ML - Sim, passámos para 3 horas. Cálculo Aplicado duas horas semanais e Matemática uma hora. Aquilo que eu nunca separei. Está separado nos papéis, mas uma aula é o seguimento da outra. Portanto a primeira coisa que eu tive de fazer foi elaborar o currículo. E pensei

logo, que tipo de alunos é que eu ia ter. Ia ter alunos com grande insucesso a Matemática e o que eu observei, é que ninguém gostava da disciplina. Tinha alunos que nunca tinham tido uma positiva a Matemática. Portanto a minha primeira preocupação para os motivar, para eles começarem a gostar da aula foi aplicar os conceitos gerais às situações da vida real, através de exemplos do dia a dia. Não sei se será o melhor, pergunto-me a mim própria muitas vezes, se terá sido o melhor.

EM - Como elaborou o currículo?

ML - Tendo como base o programa do 3º ciclo, as características do curso e o tipo de alunos que o iriam frequentar selecionei os seguintes conteúdos: Estatística; Conhecer melhor os números (igual ao 7º ano); Números racionais; Equações do primeiro grau; Proporcionalidade directa; Geometria; Decomposição de figuras planas; Inequações; Sistemas de equações.

EM - Como é que os alunos reagiram às aulas de Matemática?

ML - Tal como nos outros domínios, a sua reacção foi muito favorável, já que foi possível, atendendo ao número reduzido de alunos, desenvolver um trabalho mais personalizado.

EM - Que experiências desenvolveram no âmbito do trabalho interdisciplinar?

ML - A Matemática e o Cálculo Aplicado estabeleceram com os outros domínios relações de interdisciplinaridade que se traduziram na concretização de inquéritos feitos à população, desenvolvidos nos domínios de Puericultura, Psicopedagogia e Português. Foram os dados do

inquérito posteriormente tratados em Matemática, tendo ainda sido elaborados cartazes com os gráficos e pictogramas dos dados, no domínio da Expressão Plástica. Os trabalhos realizados foram ainda alvo de divulgação pública na festa de encerramento do curso.

Ouvidos os professores, estava na hora de falar com o Carlos e a Mónica que já nos aguardavam num banco do pátio da escola. O Cesário acompanhou-nos. Embora não sendo professor desta escola, nem deste grupo de alunos, foi fácil perceber que ele tinha tido um papel fundamental neste projecto. A sua ligação aos alunos e aos professores envolvidos e com quem contactámos era evidente. Como nos disse a Violante: "Ele é metade da outra escola e metade do nosso. Nós não abdicamos do Cesário."

Feitas as devidas apresentações, e as conversas paralelas que por questões de espaço não podemos transmitir, aqui fica um pequeno registo desse encontro.

EM - O que é que vos levou a inscrever num curso deste tipo? Como é que tomaram conhecimento dele?

Mónica Paulino

(MP) - Eu vou começar mesmo da raiz. Eu estudei até ao 12º ano e acabei o 12º ano, mas não fiz Matemática, nem no 11º, nem no 12º.



Então, pensei assim "bem, vou ter de trabalhar, vou desistir da escola". Depois fui-me empregar e comecei a trabalhar no Intermarché, que é um supermercado. E realmente, não correspondia àquilo que eu queria fazer. Então pedi ajuda. Fui ao IPJ da Marinha e disse o que é que eu estava a fazer e o que é que eu gostava de fazer. E eu disse que gostava muito de trabalhar com crianças, porque sempre gostei muito. Já a minha mãe trabalhava com crianças e sempre foi assim. E vim a saber que havia este curso. Telefonaram-me e eu não hesitei. Disseram-me que era para empregados de

jardim de infância, e eu meti logo o papel a dizer que já não queria trabalhar mais e foi assim que eu entrei no curso. E para mim este curso foi o máximo!

EM - *E o que te tinha levado a desistir da escola foi a Matemática?*

MP - Foi a Matemática! A Matemática para mim foi um trauma muito grande. Carlos Miguel (CM) - Mas não é só para a Mónica... Para mim foi um obstáculo... eu ainda tentei Métodos Quantitativos, mas não consegui...

MP - Eu estava em arte e design... e tentei ainda conciliar o estudo com o trabalho, mas não fui capaz...

EM - *E o Carlos, também fugiu da Matemática?*

CM - Fugiu um bocadinho da Matemática.

EM - *Fizeste o 9º, fizeste o 10º...*

CM - Fiz o 10º, depois surgiu o serviço militar que tive cumprir... fui para a tropa... seis meses... saí, trabalhei seis meses numa empresa...

EM - *E porque é que quiseste ir para a tropa?*

CM - Porque é que quis?

EM - *Estavas farto da escola?*

CM - Talvez...

EM - *Já tinhas chumbado algum ano?*

CM - Já tinha chumbado no 9º ano e no 8º... e bases de Matemática zero! Sabia na altura que trabalhar numa empresa, em sítios fechados, não era para mim... sabia que era capaz de fazer muito mais... e então, tomei conhecimento através de uma prima, deste curso. Já tinha tido experiências de trabalhar com crianças no Verão, de modo que... arrisquei...

EM - *Como é que te sentiste no meio de tanta rapariga!?*

MP - Muito bem, não foi?!?

CM - Muito bem... de início quando me disseram que eram só raparigas senti-me um pouco à parte...

MP - Mas não te pusemos à parte...

CM - Não, nunca... Naquelas actividades que normalmente são feitas por mulheres... aquelas cantigas, a que eu não estava habituado, senti-me um pouco retraído, mas com o tempo foi passando.

MP - Até é engraçado, porque nós quando soubemos que ia um rapaz para a nossa turma pensámos assim

"bem, agora vamos ter mais vergonha". Ele enturmou-se tão bem connosco... não houve qualquer constrangimento...

CM - Formámos ali uma família...

MP - É que foi mesmo. Muito unidos mesmo.

EM - *É que normalmente, cá em Portugal, ainda há muito a tradição de que trabalhar com crianças é para as mulheres, não é? Como é que avançaste para um curso destes?*

CM - Senti-me bastante motivado, por se verem poucos homens a trabalhar com crianças.



CS - É uma situação extremamente interessante... as instituições estão sequiosas de homens a trabalhar nesta área.

Isto por uma razão muito simples, muitas vezes os pais são figuras ausentes, não há contacto com a figura paternalista nestas instituições e então, a salvaguarda muitas vezes é quando fazem contratações de pessoas para outras actividades, como seja a educação física, tentam ir buscar os homens.

EM - *E a Matemática resultou melhor?*

CM - Resultou. Como eu disse há pouco, não tinha tido aquelas bases... aliás no 10º ano fugi para Métodos Quantitativos...

MP - Na Matemática eu nunca tive bases... penso que foi no 7º ano, no 8º ano que eu comecei a perder bases e nunca mais apanhei... Tanto que quando fizemos Matemática neste curso eu pensava que estávamos a dar coisas novas e agora compreendi que era uma base... "então, mas eu já dei isto?"... e compreendi...

CM - Eu por acaso gostei, mais por causa do professor, aliás da professora que me incentivou bastante... porque ela dizia "então oh Carlos, isto e isto..."

EM - *O que é que vocês gostaram mais na parte da Matemática? Uma coisita que tivessem gostado mais.*

CM e MP - Estatística!

EM - *E porquê? Conseguem explicar porquê?*

MP - Quer dizer, eu penso que será fácil, compreende-se bem, é muito acessível. Penso que é mesmo muito acessível.

EM - *Há bocadinho, quando falámos com a vossa professora, ela explicou que também utilizaram a estatística para fazer o tratamento de um inquérito, portanto tiveram a oportunidade de ver a própria utilidade da estatística.*

MP - Sim, sim. E a ligação com outras disciplinas.

EM - *E na Matemática o que é gostaram menos de tudo aquilo que deram?*

MP - Na Matemática... depende também um bocadinho dos professores. Eu confundia-me um bocadinho era aquilo dos expoentes, seria isso? As expressões, tínhamos muitas regras... penso que será isso...

CS - Eles fizeram jogos envolvendo a Geometria, com planificações dos sólidos, juntamente com a Expressão Plástica.

EM - *Qual o balanço que fazem das disciplinas, globalmente?*

MP - Eu penso que as disciplinas se adequaram muito às nossas necessidades. Eu fiz até uma crítica negativa quando disse que a Expressão Plástica devia ter mais carga horária. Eu volto a dizer, porque é o que eu penso mesmo. Talvez porque é a fazer aquelas coisas com as mãos... dobragens... aquelas coisinhas para as festas... penso que aí poderia ter havido mais carga, porque nós tínhamos uma hora só, o que não era nada.

CS - Este ano já tem duas.

MP - Pronto é isso, é melhor... pois porque nós tínhamos uma hora. Sentar, depois pegar no material, ter que arrumar, perdíamos muito tempo. Tínhamos sempre meia hora, só. E depois ficávamos com o trabalho incompleto e queríamos acabar, mas tínhamos de ir para outra disciplina... penso que nessa parte devia ter havido mais tempo. Mas claro, foi uma experiência.

CS - Foi uma experiência, que com base nas vossas sugestões passou para duas horas... vocês tiveram o privilégio de ser cobaias! São pioneiros.

MP - Mas penso que as disciplinas se adequaram muito às nossas necessidades.

EM- *Informaram-nos também que à medida que iam frequentando as aulas também tinham a oportunidade de ter alguma prática... Como é que encararam isso?*

CM - Era mais para observação.

EM- *Nessa altura já tinham imensa vontade era de fazer...*

CM - Sim. Exactamente. Mas era mais para observar...

MP - Eu penso que foi muito importante termos a prática, porque à medida que iam surgindo dúvidas nós iam expondo. Depois para a próxima sexta-feira a dúvida que nós tivéssemos já estava esclarecida, já podíamos utilizar. Porque eu deparei-me muitas vezes com situações que eu não tinha... não sabia o que é que havia de fazer. Como por exemplo, repreender uma criança por algo que ela tivesse feito. Que tipo de comportamento é que eu ia ter. Ia-me zangar a sério, ou ia fazer isto... não voltas a fazer ou pedes desculpa... mas nunca ia além disso, porque não sabia muitas vezes o que é que era correcto.

Portanto, eu chegava à escola e perguntava à nossa professora: surgiu-me esta dúvida e ela esclarecia. Penso que foi muito importante a prática.

EM- *Olhem, e em termos de ligação à escola? Portanto para a Mónica foi uma aproximação da escola, não é? E o Carlos?*

CM - Também. Já não pensava em voltar para a escola. Nem acabar 10º, nem 11º, nem 12º. Pensava só em mexer-me, trabalhar...

EM- *Há bocado falou-se aqui que tu tinhas um projecto? Então conta lá.*

CM - O professor Cesário sabe disso. Eu não queria abrir mais pormenores sobre isso... Tenho como ideia abrir uma casa de tempos livres, mas algo diferente. Mas não queria alongar-me mais...

CS - É um projecto, que na ideia do Carlos pode ser um projecto inovador,

principalmente num espaço como a Marinha Grande, que tem espaços muito rotineiros...

CM - Qualquer coisa diferente. Primeiro quero ganhar mais experiência, mais dois ou três anos... saber que tenho capacidades para trabalhar com crianças, que tenho futuro... modéstia à parte!

EM- *Como é que vocês se sentiram numa escola básica 2,3? A população escolar é mais pequenina, em relação a vocês...*

MP - O Carlos era muito conhecido... as meninas todas atrás do Carlos... confessa!

CM - E hoje em dia, quando entro aí é sempre a cumprimentarem-me. Sou muito popular aqui.

MP - Ao princípio, olhavam para nós, não sabiam se nós éramos professores... o que é que nós éramos... Não nos perturbavam... conheciam-nos, dávamo-nos todos muito bem. Nunca houve qualquer tipo de problemas...

CM - Foram todos muito simpáticos. Desde alunos a professores, fomos sempre muito bem tratados.

EM- *Como está a correr o vosso estágio profissional?*

CS - A Mónica está numa escola particular. E o Carlos está numa oficial, da rede pública.

CM - São pessoas fantásticas. Desde a cozinheira, até à directora. Naquela escola só há um professor... e eu sou o outro...

EM- *Como é que é o vosso trabalho no dia a dia? O que é que vocês fazem exactamente...*

CM - As actividades são um pouco rotineiras. Nós temos que as transformar um bocadinho. É chegar de manhã. Mandá-los sentar. A educadora dá-nos essa autoridade, de mandá-los sentar. Cantar uma canção de bons dias. Depois temos umas pastilhas que damos por causa das cáries... Aqui há dias dei uma ideia que era fazerem o Miguel, vão fazer o desenho do Miguel, dizer como é que

são os olhos, a cabeça, os braços... fizeram o desenho. Depois chegou às 10,00 h é a hora do pequeno almoço. Às 10,30 h é o horário da educadora ir tomar o pequeno almoço e fico eu mais tempo com eles. Então faço jogos, ensinar como é que brinca com legos, ensinar como é que se brinca na casa das bonecas... tudo coisas que eu não sabia, mas inventa-se! Hoje à tarde, por exemplo, estive a fazer jogos com cros, rodas, cabra cega, saltar ao eixo, muitas coisas que a gente faz... Às vezes fazemos somas, por exemplo tendo dois bonecos, quanto é que é um boneco mais outro boneco...

EM- *E o dia a dia da Mónica é diferente?*

MP - Um bocadinho. Eu entro às nove, vou juntando as crianças que vêm no autocarro. Entretanto há sempre aquela agitação do dia... À sexta-feira juntamo-nos todos e entregamos um prémio para quem trabalhou mais... nos outros dias é normal, entro às nove. Das nove às nove e meia estamos a fazer actividades com eles. Mas à quinta e à sexta há inglês, preparamos as coisas para a professora às nove e meia dar inglês até às 10,30h, que é quando vamos lanchar. Vamos para o recreio às 10,30h... Por volta da 13,00h é quando sai a educadora e eu fico a lavar os dentes com eles. Entretanto, quando estão despachados vão para o intervalo onde eu estou até às 13,45h. Às 15h quando é natação, ajudo a vestir os fatos de banho até às 15,30h... Temos outras actividades em que os tenho que ajudar... Depois vou para a sala das nuvens, das 16h às 17h, até os pais os irem buscar.

EM- *E no fim disso tudo... ficas estourada mas feliz!*

MP - Ao princípio como eram muitas actividades...

EM- *Digamos então que não estão arrependidos de ter frequentado este curso...*

MP - Para mim foi mesmo uma salvação, este curso para mim foi a melhor coisa que me aconteceu, é mesmo assim.

Entrevista conduzida por Ana Vieira e Conceição Rodrigues



Formámos ali uma família...
É que foi mesmo. Muito unidos mesmo.